PARA ALEM DO SIGNO “SAUSSURIANO” OS TRANSBORDAMENTOS DO SENTIDO EM SAUSSURE E LACAN

MARIE-LOU LERY-LACHAUME¹

RESUMO: Trata-se de examinar em que medida a descoberta de um “outro Saussure” permite também reatualizar a recepção/circulação dos conceitos fundamentais da linguística moderna, focando-se na noção flutuante e enigmática de signo de Jacques Lacan no início dos anos 1970. Enquanto Lacan, nesse período, parece romper tanto com os paradigmas tradicionais da linguística estruturalista, quanto com o conceito (pós-)saussuriano de signo, a hipótese proposta nesse trabalho é que a psicanálise nunca se encontrou tão íntima da conceituação (proto-)saussuriana do signo. Entre rabiscos, riscas e risco teórico, propõe-se ler o Lacan da “Linguisteria” junto com o Saussure dos Manuscritos. Deste modo, e para além dos comentários já realizados sobre a retomada-subversão lacaniana da dupla significante/significado, tenta-se destacar uma noção de signo dividida e viva, resistente aos binarismos congelados por uma leitura do *Curso de Linguística Geral* ignorante da sua gênese inquieta.

Palavras-chave: Signo; Manuscritos saussurianos; *lalangue*.

RÉSUMÉ: L'enjeu est d'examiner dans quelle mesure la découverte d'un « autre Saussure » permet également de réactualiser la réception/circulation des concepts fondamentaux de la linguistique moderne, en se concentrant sur la notion énigmatique et fluctuante de signe du Lacan du début des années 1970. Alors que Lacan, au cours de cette période, semble rompre aussi bien avec les paradigmes traditionnels de la linguistique structuraliste qu'avec le concept (post-)saussurien de signe, l'hypothèse proposée dans ce travail est que la psychanalyse ne s'est jamais trouvée aussi proche de la conceptualisation (proto-)saussurienne du signe. Entre gribouillis, ratures et risque théorique, on propose de lire le Lacan de la « Linguisterie » avec le Saussure des Manuscrits. De la sorte, et par-delà les commentaires déjà réalisés à propos de la reprise-subversion lacanienne du couple signifiant/signifié, on tente de détacher une notion de signe vivante et divisée, résistante aux binarismes congelés par une lecture du *Cours de linguistique Général* qui en ignore la genèse inquiète.

Mots-clés : Signe ; Manuscrits saussuriens ; *lalangue*.

1. DO RECORTE DO SIGNO. INTRODUÇÃO E HIPÓTESES

Saussure, se com isso entendemos a identidade de um texto cujo sentido se fixa na eternidade de uma verdade, Saussure não existe. No lugar de Saussure, apenas existem sombras, desdobramentos e horizontes, efeito das leituras de ditos e escritos de Saussure, publicados ou não. Entre essas leituras, algumas marcaram fortemente a recepção e o comentário saussurianos. É o caso da de Jacques Lacan,

¹ Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, Brasil. marieloulerylachaume@yahoo.fr, <http://orcid.org/0000-0002-1798-3360>

que, retomando livremente o “signo saussuriano”, insistiu na barra que nele separa o significante do significado (não-relação), e situou o significante acima da dupla (S/s, isto é: primazia do significante)². No entanto, a atenção dada aos manuscritos saussurianos em torno da questão do signo nos revela as dúvidas, prudências e reticências que presidiram à elaboração da noção de signo. Entre o signo tal como foi estabelecido depois do *Curso de Linguística Geral (CLG)* e o signo como “figura vocal como tal”, mais próximo do que ficou como significante, por exemplo, ou ainda entre um “signo-significação” e um “signo só” nos *Escritos de Linguística Geral (ELG)*, uma oscilação estrutural opera na conceituação do signo desde sua gênese. A este respeito, o que foi interpretado como subversão lacaniana da teoria do signo linguístico nos anos 1950 merece ser repensado. E mais do que isso: focando-me – a contramão dos comentários clássicos sobre as modalidades da circulação/passagem do signo entre o campo da linguística e o da psicanálise – nos textos de um Lacan mais tardio, e, em especial, na “Introdução à Edição alemã de um primeiro volume dos Escritos” de 1973, pretendo esboçar aqui uma pequena genealogia do signo, que leve a sério a dimensão de enigma do signo. Na “Introdução à Edição alemã”, com efeito, Lacan me parece efetuar um movimento (inconsciente – pois não havia tido acesso aos Manuscritos de Saussure sobre signo) de retorno a um Saussure “em aberto”, menos interessado no emparelhamento significante/significado que nas partituras distintas que signo e sentido podem tocar separadamente. Nessa perspectiva, buscarei sustentar a tese segundo a qual o conceito de signo promovido por Lacan na ótica da “Linguisteria”, que visa contribuir para a refundação dos estudos da linguagem, passa pela atualização da divisão do signo vislumbrada por Saussure. O embaraço teórico do linguista feito corte heurístico – pulo? – pelo psicanalista.

2. LACAN, A LINGUISTERIA E A ARBITRARIEDADE DO SENTIDO

Na “Introdução à edição alemã dos Escritos”, texto redigido por Lacan em 1973 na ocasião da publicação na Alemanha do livro lançado sete anos antes na França, o psicanalista faz uma pergunta que poderia ser lida como de bom senso metodológico, se não fosse ela, mais esotericamente, endereçada ao próprio objeto do questionamento: “[...]formulo a questão do signo ao signo: como se assinala que um signo é signo?” (LACAN, 2013 [1973], p.550). Na resposta esboçada, isto é, na redefinição do signo como aquilo cujo único “alcance” [portée] é “ter que ser *decifrado*”, Lacan não remete explicitamente para Saussure. Com efeito, e embora seja evocado o “nome de significante” como “o que constitui o sentido pelo qual a linguística fundou seu objeto, isolando-o”, (LACAN, *ibid.*, p.556), é a questão mais ampla do “sentido do sentido” que dinamiza e determina, em

² Com respeito à “intervenção explícita no signo, pilar da teorização saussuriana sobre a língua”, cf. LEMOS Claudia, “O Curso de Linguística Geral. De Saussure no retorno a Freud de Lacan”. In: Saussure, 100 anos depois, Revista Cult, n°216. São Paulo: 2016, p. 58-61.

Nós interessamos, aqui, por uma segunda intervenção lacaniana no signo, mais implícita e autocrítica.

última instância, as reelaborações de 1973 em torno do signo. Sendo o sentido não apenas o monopólio da metafísica (alemã, notadamente), mas uma matéria devendo desafiar em primeira linha os psicanalistas – cuja prática, como lembra Claudia Lemos no fim de seu artigo “O Curso de Linguística Geral no retorno de Lacan a Freud”, se sustenta do efeito do significante na qualidade de efeito de sentido, no sentido de um “deslocamento de discurso” (LEMOS, 2016, p.61).

Lacan, tão longe de Saussure então?

2.1. “Introdução à edição alemã dos Escritos”; vazamentos e transbordamentos

Numa primeira leitura, aparece claramente que a trama nocional do texto, sua estrutura problemática bem com a orientação geral do argumento vai no sentido de um afastamento categórico. De fato, com as referências textuais à “diz-menção”, à “contingência” e a “*lalangue*” que constituem os principais pilares do momento do ensino lacaniano marcado pelas consequências da fundação da Linguisteria³, não podemos negar a distância (r)estabelecida por Lacan entre o campo da psicanálise e o da linguística dita “saussuriana”, no qual prevalece preferencialmente a triangulação “valor” – “arbitrariedade” – “*la langue*”. Além disso, e de modo mais programático, Lacan articula a questão do sentido, exemplarmente, à do enigma, já que “Uma mensagem decifrada pode continuar a ser um enigma” (LACAN, *ibid.*, p.553). Isto é: para além do signo linguístico – como composto pela dupla significante-significado – e para além do significante puro – puro “non sense” da Instância da letra (LACAN, 1957) – o psicanalista chama nossa atenção para a dimensão de persistência de um signo-enigma. Isto é, nesse texto e segundo uma perspectiva que eu diria “linguística”, para a equivalência entre o significante quando acompanhado do significado e o significante desprovido do significado⁴.

Sem poder entrar em pormenores relativos às diversas perspectivas abertas por tal gesto teórico, cabe notar o lugar de destaque dado por Lacan ao sentido enquanto aquilo que excede o par significante-significado: um sentido, pois, da ordem do *impar*. É nessa lógica que pode ser apreciada, aliás, a afirmação de Jacques-Alain Miller no seu seminário inédito, cujo título, “La fuite du sens” (“o vazamento do sentido”⁵ – tradução minha), insiste depois de Lacan na dimensão de esvaziamento de um sentido sempre em excesso: “Há mais, no caso, que o significado ovelha [“mouton” – seguidor cego!] do significante” (MILLER, 1995).

³ A palavra “Linguisteria” [Linguisterie] aparece pela primeira vez no início da sessão do 19 de dezembro de 1972 (Seminário *Mais, ainda*). O recurso ao neologismo, no contexto de um momento do seminário em que Lacan se dirige nomeadamente a Jakobson, ouvinte atento, tem um valor forte. Com efeito, e de maneira explícita, é para “deixar a Jakobson seu domínio reservado” que Lacan anuncia a necessidade de “forjar alguma outra palavra”, a “linguisteria” (LACAN, 1972). Ou seja, trata-se, simultaneamente, de destacar para a psicanálise um modo singular de apreensão e de atuação da linguagem, radicalmente distinto da abordagem do linguista.

⁴ Neste ponto, que diz respeito à afirmação de um ensino do/pelo enigma, seria interessante ver em que medida o próprio Saussure não se aproximou dessa intuição, com seu questionamento a partir dos anagramas, por exemplo. Infelizmente, não cabe aqui desenvolver essa ideia.

⁵ Escolho “vazamento” em vez da mais esperada “fuga”, baseando-me no esclarecimento prestado por Lacan no início da “Introdução à edição alemã”: “escapar: a ser entendido como de um tonel, e não por uma debandada” (LACAN, 1973).

Ou seja, ao falar sobre “um sentido que não é mais dominado pelo significante”, “Lacan propõe uma definição do signo que deixa do lado o sentido, e uma definição do sentido que não implica essencialmente sua relação com o signo”. Assim, compreendemos que no Lacan dos anos 1970, o signo vai ganhando uma certa autonomia, tanto em relação (externa) com os conceitos linguísticos de significante e significado, quanto em relação (interna) com o Simbólico do seu momento anterior e com o “sentido do sentido” que ele está, doravante, tentando circunscrever paradoxalmente – já que na prática psicanalítica, o sentido é aquilo que “se capta por escapar” (LACAN, 1973).

Nesse contexto, signo e sentido não são relacionados, ligáveis, e nem combináveis como é o caso do significante e significado no sistema saussuriano da língua, e seria altamente equivocado interpretar o recurso às noções de sentido e de signo na Introdução à Edição alemã como simplesmente substituindo, num léxico alternativo ou pseudo-atualizado, a dupla herdada do CLG. Pelo contrário e de forma muito mais inovadora, o que vislumbramos nesse texto mal conhecido de 1973, é a potência de transbordamento do sentido, e o modo como o próprio Lacan busca um transbordamento do sistema saussuriano⁶ para voltar àquilo que as operações constitutivas da linguística como ciência tendem a ignorar. Deste modo, o psicanalista nos introduz numa *zona* outra, área ou cena perigosa, turbulenta, não-sistematizável, que é a da arbitrariedade do sentido uma vez desembaraçado do jugo do significante.

2.2. Balanço provisório

Ao percorrer brevemente esse texto ao mesmo tempo inaugural e marginal, arisquei alguns comentários relativos ao conteúdo – os quais mereceriam ser mais amplamente desenvolvidos. Eles vão no sentido de um anti-saussurianismo de Lacan. Mais precisamente, encontramos um Lacan cujo a-saussurianismo foi se radicalizando, manifestando-se em 1973 tanto pela rejeição do léxico do CLG quanto pela relativização do princípio de arbitrário do signo em prol de uma reflexão sobre a irrecuperabilidade categorial do sentido. Psicanálise e Linguística moderna nunca foram tão explicitamente distinguidas, ou tão distintamente *não-relacionadas* (entendemos: sob o signo do *non-rapport*).

Porém, a forma como esse deslocamento está textualmente efetuado não pode deixar de ser comentada. Pois se tal é a elucidação parcial que o conhecimento do contexto geral da Linguística me permitiu, em especial à luz que fornecem textos mais famosos como “Televisão” ou o seminário *Mais, ainda*, a efetividade do trabalho teórico é outra; mais irresoluta. Ora o “signo” parece se moldar no lugar do “primeiro” significante, como que retrocessivo. É o caso por exemplo quando “qualquer signo exerça igualmente a função de qualquer outro” (LACAN, 1973), e uma vez que tal funcionamento foi diferenciado do segundo tempo do significante,

⁶ Transbordamento necessário, na medida em que o sistema saussuriano da língua não inclui o gozo [jouissance], elemento essencial da prática psicanalítica. (Pois é ao mesmo tempo a partir dos efeitos do gozo [como “j’ouïs sens”] e rumo ao gozo [“jouis, sens!”] que o analista – diferente nisso tanto do linguista quanto do analista do discurso – interpreta.).

relacionado à “letra”⁷. Ora o mesmo termo “signo” atinge uma dimensão quase órfica, quando articulado à prática da *decifração*⁸ pela qual passa a ganhar sentido.

Seja como for, e tentando me ater a isto nesse trabalho, o que enxergamos agora claramente e antes de qualquer tentativa de explicação conceitual, é uma flutuação semântica em torno do signo. Uma flutuação que parece mesmo ser o princípio ativo pelo qual o signo vigora no texto lacaniano, na condição que seja (re?)introduzido o sentido como elemento suscetível de estorvar as tentações sistêmicas. Não teria isso algo a ver com o que aconteceu com as primeiras elaborações de um jovem linguista suíço, ainda não virado Pai da linguística moderna? Com o que nos resta de Saussure, antes dele ter especificado o conceito atualmente consagrado de signo linguístico? Lembramo-nos....

3. EM BUSCA DO “SENTIDO” PERDIDO: UM RETORNO AOS MANUSCRITOS SAUSSURIANOS

Nos Manuscritos saussurianos, e, em especial, no manuscrito *De l'essence double du langage (EDL)* encontrado em 1996, isto é, quinze anos após a morte de Lacan, sabe-se hoje que a noção de signo constituía ainda uma noção em formação, oscilando entre o que se tornaria anos depois o famoso signo linguístico, e aquilo que, dentro dele, acabaria se fixando como significante⁹. Nesse sentido, do ponto de vista das hesitações em torno do signo, a resposta à pergunta que fizemos anteriormente muda: Lacan, não tão longe de Saussure! Tudo se passa como se houvesse algo, na “essência” do signo – para retomar a palavra de Saussure e o uso não-essencialista que ele faz dela a propósito da linguagem – que estivesse resistindo ao seu próprio *fechamento* conceitual. Como se o signo insistisse sempre “dividido” – como dizia Lacan do sujeito –, e isso apesar das múltiplas

⁷ Esse segundo tempo caracteriza um momento mais literalmente materialista no ensino lacaniano, em que a tónica está colocada em um significante ao pé da letra – isto é: no “*suporte material* que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (LACAN, 1957 – grifo meu).

⁸ Preservo aqui o itálico quase tal como aparece no texto [“d’être déchiffré”]. Ele deve ter, no caso, uma conotação forte, remetendo não apenas para o esforço de interpretação efetuado na cadeia de significantes, no nível material da articulação significante, mas também para o limite desse esforço, no nível de um impossível (do) deciframento. Este limite constitui, talvez, o começo da decifração verdadeira, como exploração da insistência do enigma.

⁹ Entre inúmeros exemplos deste primeiro vaivém terminológico em *EDL*, menciono aqui a aparição do “*signo*” em um movimento de denominação reticente e, logo depois, recusada: “tomar por base o signo (sozinho) não é apenas inexato, mas não quer dizer absolutamente nada porque, no instante em que o signo perde a totalidade de suas significações, ele nada mais é do que uma figura vocal” (SAUSSURE, 2004 [1891], p.44). Dualidade afinada na sequência, com a distinção entre a “figura vocal como signo” e a “figura vocal como tal” (id.), a qual remete à diferença entre o domínio da Semiologia e o da Fonética. Enfim, vale lembrar o modo como este mesmo vaivém em torno do signo se reitera, modalizando-se através da dialética do ser-signo /tornar-se-signo (dialética que atravessa também os manuscritos, e, diga-se de passagem, me parece abrir um espaço para pensar, já com Saussure, a significação enquanto *acontecimento de língua*).

tentativas filosóficas e linguísticas para apertá-lo, tampá-lo, ou aferrolhá-lo discursivamente¹⁰.

Para sustentar essa conjectura, a qual não é nada senão um desdobramento da hipótese geral anunciada em introdução, eu proponho um retorno em dois tempos aos manuscritos saussurianos. Em um primeiro momento, inspirado metodologicamente pela leitura das rasuras como “resto” desenvolvida por Eliane Silveira no seu livro *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*, analisarei a gênese conturbada da espécie de álgebra da ciência linguística submetida por Saussure sob o nome de “Quaternion”. Depois, com base nesse mesmo manuscrito, me distanciarei do modelo de leitura de Saussure a partir das suas rasuras, para sugerir uma outra forma de se deparar com o trabalho dessa escrita tão singular, em nada contraditória.

3.1. O “Quaternion” inicial: matriz da divisão do signo e rejeição do sentido

O “QUATERNION FINAL”, tal como aparece – todo de letras maiúsculas! – na página 40 dos *Escritos de Linguística Geral* não sempre foi tão definitivo. Com essa designação de inspiração matemática, a sistematização que conhecemos hoje é, pelo contrário, o resultado de uma elaboração criteriosa, que procedeu por escolhas e apurações terminológicas. Este empenho na realização de uma triagem notional rigorosa, é aquilo que apenas o manuscrito permite descobrir. Com efeito, enquanto nas versões publicadas dos *ELG* (2002 em francês, 2004 em português), a significação abordada como percepção pelo sujeito falante é decomposta de forma equacional e quase axiomática, o manuscrito Arch_Saussure 372, p.56-57 (seguindo a classificação dos arquivos de Saussure disponíveis no site “Ferdinand de Saussure: archives numériques”¹¹) nos fornece um testemunho bastante diferente.

Vejamos:

¹⁰ Quanto ao “signo” do CLG, que pode parecer mais estabilizado, vale lembrar o comentário de Tullio de Mauro, na nota 155 da edição crítica do *Cours de linguistique générale*. Prudente, ele chama nossa atenção para o fato de que várias vezes no Curso, “signo” *desliza, escorre* (“glisse”) para o valor de “significante”. A oscilação persiste no próprio Saussure, para além dos primeiros escritos.

¹¹ Disponível em: <<http://fds.unige.ch/iipmooviewer/homepage.php>>

As duas zonas apontadas se caracterizam, antes de mais nada, pelas rasuras e/ou correções (cf. o palimpsesto da folha 57, onde as letras “AHZ” aparecem traçadas encima de outras, ilegíveis). Este trabalho de retomada/reescrita pode ser interpretado, primeiramente, como a marca de uma ordem em via de constituição, e, talvez, como busca intrépida de uma idealidade pura; grande número conjugando as leis da ciência linguística. Um momento particularmente dinâmico, pois, na elaboração saussuriana – fato corroborado pelo movimento interrompido das linhas abaixo da folha 56, que nos levam para o branco da página finda. Como se algo estivesse se perdendo, ou se buscando, ainda...

Em segundo lugar, ao ver a densidade da nomenclatura inicial, que se desdobra em dois planos, um encobrimdo o outro, notamos o esforço implacável de reformulação – ou como achar as palavras certas para nomear as grandezas fundamentais de uma álgebra linguística:

Manuscrito. Arch. Saussure 372, p.56

ELG, p. 39, 2004.

Nós somos sempre reconduzidos aos quatro termos irredutíveis e às três relações irredutíveis entre eles, que formam um todo *fin* no para o espírito:
(um signo / sua significação): (um signo / e um outro signo) e, além disso: (uma significação / uma outra significação).

Aqui, as rasuras ocultam tanto quanto elas evidenciam. Pois se compararmos o manuscrito com o texto estabelecido nos *ELG*, toda uma dimensão tampada da nomenclatura inicial chega a reaparecer, de forma mais significativa ainda. O Quaternion, cujo exame constitui a raiz da genealogia do signo linguístico, nos entrega, agora, uma chave de leitura preciosa.

Como “tripla relação irredutível”, composto de 4 termos diferentes (“um signo”; “sua significação”; “um outro signo”; “uma significação”), poderíamos dizer que ele foi inventado com o escopo de formalizar – para não dizer *cifrar* – a operação de determinação da figura vocal na consciência do sujeito falante¹². Porém, essa invenção passou por uma rasura reiterada¹³ que marca – se lhe

¹² Isto é: o tornar-se forma da figura vocal, conforme os título e início do item 6e, no qual o Quaternion está inserido.

¹³ O *rasurar*, neste caso, poderia assemelhar-se, no âmbito do fazer-ciência, ao que se chama em psicanálise de *forclusão* – mecanismo de rejeição definitiva, por exclusão de um elemento insuportável do sistema simbólico (aqui, exclusão do sentido do esquema algébrico “final”). Deixo tal consideração como nota de rodapé, pois ela mereceria mais ampla sustentação.

dermos, como propõe Eliane Silveira, o estatuto de ponto de ruptura apontando “para um deslocamento na elaboração de Saussure” (SILVERIA, 2008, p. 125) – o retorno de uma questão determinante. Com efeito, além dos quatro termos supra, baseados na dupla “signo”/“significação” [“signe”/“signification”, no francês], encontramos no manuscrito o espectro de uma outra dupla:

- 1-a “*forme*” (“forma”¹⁴) ressurgue, recoberta pelo “*signe*” (“signo”),
- 2-sobretudo, o vocábulo “*signification*” (“significação”) tapa reiteradamente a menção feita ao “*sens*” (“sentido”).

Assim, se retornamos, finalmente, à *questão do sentido*, é porque ela mesma faz retorno, sustentando curiosamente um “Quaternion” que se mostra, em última análise, bastante precário – no sentido de “não-tão acabado”. Ele deixa de ser essa pedra angular tão pesada de um saussurianismo rígido (que a publicação dos *ELG*, embora tivesse oxigenado a leitura do *Curso*, podia reconduzir até certo ponto), para revelar-se, na sua flexibilidade intrínseca, a matriz fluida de um conceito de signo dinamizado pela sua própria e primordial divisão.

Apesar de ser parcial, os resultados dessa análise poderiam nos levar a concluir sem mais delongas. A presença determinante do sentido nas elaborações preliminares de Saussure foi nitidamente salientada, o que era o objetivo principal. No entanto, o manuscrito escolhido recepta tantos restos instigantes que proponho, antes de concluir, analisar mais um. Uma maneira, também, de arriscar uma leitura dos manuscritos menos centrada nas rasuras, deslocando o enfoque da “barra da rasura” (SILVEIRA, 2008, p.143) para a nudez verdadeira da letra.

3.2. *Que se escreva fica esquecido por trás do que se escreve no que se lê...*

A folha 57 do manuscrito apresenta uma parte riscada do princípio ao fim, ou quase. Resgatada do grande gesto de apagamento de um parágrafo que apontava para o constato do caráter fugidio e/ou para a fugacidade da conjunção entre “ideia” e “forma”, uma afirmação determinante permaneceu. “Observa-se que não há, portanto, nenhum ponto de partida nem qualquer ponto de referência fixo na língua”: eis a formula, quase herecliteana, que encontramos na versão publicada do texto saussuriano, e que suscita um efeito impactante na leitura. *Na língua, tudo flui*; esse aforismo que poderia condensar a conclusão saussuriana é forte, e contraria as visões simplificadoras do sistema da língua como inflexível (e grosseiro). Além disso, focando-se nos termos, barrados ou não, nos quais esse ensino está formulado, algo do “vazamento” do sentido em Lacan ressoa: “*conjonction*”; “*fugitive* *fuyante*”; “*aucun point de repère fixe ferme [...]*”. Mais: com a analogia entre a língua e um líquido, espécie de fluxo fluindo sem ancoragem nenhuma, é difícil para um leitor do ano 2018, “familiarizado” com as

¹⁴ Embora não seja essa questão que me interessa preferencialmente neste trabalho, me pareceria interessante levantar a questão do *rasurar* da forma. Ele tem, a meu ver, uma função muito diferente e um valor menos forte que o *rasurar* do sentido.

Tendo isso em vista, a leitura minuciosa da folha 57 do manuscrito vale realmente muito a pena:

Prestando atenção, flutuante ou não¹⁵, ao pormenor tal como ele *já está* textualizado, encontramos agora, na *letra* saussuriana (literalidade e grafia), um elemento surpreendente que todas as transcrições posteriores “limparam”. Em um cantinho, uma ponta de manuscrito, “*lalangue*” faz irrupção, com “*la*” e “*langue*” juntos/colados. Tal deslizamento, vale assinalá-lo, é da ordem do hápax; nos demais manuscritos, “*la*” e “*langue*” estão separados por um intervalo de branco de página.

Antes de indicar, em guisa de conclusão, algumas pistas para pensar a partir desse ponto, é preciso esclarecer uma coisa. Pois existe o risco, nesta altura, de deixar ambivalente o sentido da leitura que estou tentando produzir. Em todo oposta ao pressuposto teleológico que retornaria a Saussure a partir dos óculos lacanianos para “redescobrir” um Saussure-laciano-sem-saber (ou seja, ficar parado no mesmo ponto com a ilusão de um movimento de conhecimento), trata-se para mim de pontuar fatos textuais, em uma postura resolutamente materialista. Nessa perspectiva, nem o retorno do “sentido” por força da barra da rasura, nem a proximidade entre o léxico dos manuscritos e a imagem laciana do “tonel”, nem mesmo o encontro com *lalangue* por ocasião de um deslizamento singular do traço de Saussure devem nos enganar. Da mesma forma que não existe nenhum latente

¹⁵ Se fluutuante, essa leitura terá muito a ver com a escuta psicanalítica. Folheando manuscritos sem objetivo previamente especificado, ela confia na possibilidade de um encontro feliz com o texto. Se não fluutuante, ela pode procurar de maneira mais metódica e proposital as lacunas que, nas entrelinhas do texto, iniciam um acontecimento de pensamento. Nesse caso, e embora a dimensão de manuscrito lhe dê uma peculiaridade irredutível, ela se aproxima mais da leitura sintomal teorizada por Louis Althusser.

lacaniano em potência no manifesto saussuriano, o manifesto lacaniano não é, tampouco, o latente de Saussure em ato¹⁶.

Isso posto, um tal achado não pode deixar de nos interpelar. Acertadamente, ele remete a uma dupla não-coincidência: não-coincidência entre quem escreve e o escrito, por uma parte; não-coincidência entre o escrito e o que se lê, por outra parte. “*Que se escreva fica esquecido por trás do que se escreve no que se lê*”. Tal é, para parafrasear Lacan, a interpretação que se impõe, à luz do exame à lupa do fato de escritura específico que acabei de pontuar. Com isso, lembramos agora que no movimento de sua transposição/transformação tipográfica, o texto saussuriano acabou sendo parcialmente silenciado, resultando na normalização do seu teor teórico. Assim, a operação de transcrição de um manuscrito nunca vai sem uma certa negação de seu potencial epistemologicamente subversivo. Retornar à letra manuscrita de Saussure, nesse sentido, significa também dar uma nova oportunidade para a expressão da singularidade de um pensamento aberto, que oferece perguntas muito mais do que responde. É *autorizar*, como apenas os grandes pensamentos permitem, uma pluralidade de recepções divergentes e, muitas vezes, contraditórias, as quais firmam, na sua diversidade gritante, a gama heterogênea dos saussurianos possíveis.

4. CONCLUSÃO

No que diz respeito a nossa hipótese geral, as leituras cruzadas do jovem Saussure e do Lacan dos anos 1970 foram concludentes. Em Saussure, a volubilidade terminológica constatada no lugar do signo no manuscrito da *Essência Dupla da Linguagem* traz agora um esclarecimento significativo: com ela, entendemos que aquilo que chamamos comumente de “signo saussuriano” não é nada senão uma cristalização no *après-coup* de Saussure, a qual recobre o *real do signo*. Esse *real do signo* é o outro nome da sua divisão fundamental, que reparamos também ao acompanhar um Lacan, que, por sua parte, aproveita a abertura para trabalhar à reinvenção da psicanálise com base no enigma. Além disso, se as anfractuosidades da noção flutuante de signo nos impedem de considerar o pensamento do pai da Linguística moderna como sistema fechado de teses e elaborações categóricas, a genealogia do conceito-impossível de signo revelou-se também um meio de descobrir o lado escuro/escorrendo do signo: a questão do sentido, que guia a “Introdução à edição alemã dos Escritos” de Lacan, e assombra a gênese do conceito de signo no seio do manuscrito saussuriano.

¹⁶ Assim, não concluo nem sugiro que Saussure teria sido o inventor desconhecido de *lalangue*. Muito mais interessante me pareceria refletir sobre a intempestividade própria de *lalangue*, lembrando como ela ressurge, em novembro de 1971 (durante o seminário *O saber do psicanalista!*), em consequência de um lapso de Lacan... A diferença entre Saussure e Lacan, inventor de *lalangue* neste sentido, é o alcance dado ao ato falho: captado, registrado, e recuperado teoricamente.

A este respeito, lembrando a nota 133 de Tullio de Mauro na edição crítica do CLG, poderíamos destacar um contraponto radical entre, por um lado, a “preocupação, típica de Saussure, de evitar qualquer neologismo técnico” e, por outro lado, o prazer do achado verbal em Lacan, que resulta numa incansável (re)criação terminológica.

Mais exatamente, vimos que quando na versão preliminar do Quaternion, o “sentido” se apresentava como um dos elementos constitutivos na tentativa de algebrização da linguística, sua finalização teve como condição a *rejeição do sentido*. Assim, enquanto esse último pode aparecer como o conceito maldito dos estudos da linguagem, salientamos, em contraste, o estatuto privilegiado que lhe deu Lacan no momento em que lançava as bases da sua Linguística. Um tal gesto, que assume como prioritária a responsabilidade teórica de uma questão tantas vezes ignorada, e desenvolve para o efeito as ferramentas suscetíveis de tratá-la, rompe com as estratégias de evitamento antecedentes. Podemos chamar isso, se quisermos, de corte epistemológico, pois é o que está verdadeiramente em jogo com a Linguística lacaniana, muito além do prazer do neologismo. Entretanto, um tal corte não deve ser compreendido como um milagre na história das ideias. Ao contrário, ele envolve uma prática, que é o esforço infinitamente reiterado da leitura/desleitura/releitura fecunda: criar, através de pontuações modestas e de micro cortes, as condições para que o que aconteceu aconteça de novo.

* * *

BIBLIOGRAFIA

Em Saussure:

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Tullio de Mauro. Paris: Saint-Germain, 1995.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. São Paulo, SP : Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. *Manuscritos: Archive de Saussure 372* – De l’essence double du langage.

Em Lacan:

LACAN, J. (1973) “Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos”. In: *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 550-556.

Fontes secundárias:

LEMONS, Claudia. “O Curso de Linguística Geral no retorno de Lacan a Freud”. In: *Saussure, 100 anos depois*, Revista Cult, nº216. São Paulo: 2016, p. 58-61.

MILLER, J-A. L’orientation lacanienne. “La fuite du sens” (1995-1996), enseignement prononcé dans le cadre du département de psychanalyse de l’université Paris VIII, inédit.

SILVEIRA, Eliane, Mara. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

Recebido: 12/10/2018

Aceito: 23/12/2018